

**Discurso proferido pelo Prof. Dr. Rosário Farâni Mansur Guérios, agradecendo a homenagem prestada pelo Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, em 27/9/1977.**

Chegou a compulsória ou expulsória; decretado está por Lei que eu não poderei dar mais conta satisfatória do recado. Como a Lei não é só para mim, senão também para outros que, como eu, alcançaram o fim da raia ou da picada, ela é justa, e devo, em conseguinte, submeter-me. Ademais, contra a força não há resistência.

Nascido em balcão de comércio, em loja de fazendas e armazéns, porém desde os mais tenros anos vocacionado, e fortemente, para as letras, não para as letras de câmbio, mas para as do alfabeto, deixei a marca dessa vida, publicando na REVISTA FIOLÓGICA, do Rio de Janeiro, um breve estudo lexical, a que dei o título de FAZENDAS & ARMARINHOS (v. VI, n.º 24, 1941).

Eu tinha em casa o ambiente favorável para desabrochar meus pendores lingüísticos, porquanto de minha mãe a falar com meus tíos maternos, muitas vezes ouvia-se o italiano, e, na loja, diariamente o árabe, de papai para com seus patrícios, e dele para comigo, embora eu lhe respondesse em português. É que eu havia trazido das escolas um complexo; meus colegas me apelidaram pejorativamente de "turco" e às vezes de "mestiço". Anos mais tarde o mesmo apodo me chegou aos ouvidos quando, em Ponta Grossa, iniciava o magistério: — "O que é que esse "turco" sabe de Português?"

\* \* \*

Disse uma vez o mestre João Ribeiro que, de cada três brasileiros, quatro são poetas. Assim, não escapei ao prurião de fazer versos; fiz poucos, sim, humorísticos, mas nunca os publiquei.

Rabisquei novelas policiais, influenciado pelo cinema. Redigi prosa poética e crônicas, publicadas em periódicos da Lapa e Rio Ne-

gro, de 1924 a 1926. Compus uma peça teatral cômica — O FILHO DO REI DO PETRÓLEO — em que eu mesmo desempenhei um papel. Foi representada nesta Capital mais de uma vez em 1932.

Na loja de meu pai atendia freqüentemente à freguesia com livro na mão ou com lápis a escrever, e escrevia a respeito de tudo.

Obrigado por meu pai a aprender Alemão para servir na loja aqueles que o falavam, aguçou-se-me a curiosidade lingüística, principalmente porque iniciava também o estudo do Inglês. Era forçosa, conseqüente, a comparação entre ambos.

Aluno do então Ginásio Diocesano, o professor de então, Pe. Fernando Taddei, mais tarde bispo, levou-me para outra curiosidade, aos estudos comparativos de Alfredo Trombetti. Suas aulas, às vezes, eram entremeadas de expressões gregas, que serviam humoristicamente para qualificar os alunos.

Devo relembrar aqui o meu professor de Português nesse Ginásio Diocesano, Pe. Eurípedes Olímpio de Oliveira e Sousa, que marcou profundamente em meu espírito a sua singular personalidade.

Havendo-me submetido aos exames parcelados (hoje, supletivos) no então Ginásio Paranaense, apesar de dedicar especial atenção ao Vernáculo e de compulsar os AUTORES CONTEMPORÂNEOS e a SELETA CLÁSSICA de João Ribeiro, assim como a GRAMÁTICA EXPOSITIVA de Eduardo Carlos Pereira e O MEU IDIOMA, de Otoniel Motta, fui estrondosamente reprovado pela banca, da qual fazia parte o catedrático e notável vernaculista Prof. Dr. José de Sá Nunes.

Tendo, ao mesmo tempo, requerido para submeter-me a exame de Alemão, saí prejudicado, porquanto não se podia prestar prova de qualquer língua sem antes Português.

Aprovado em Língua Portuguesa, na 2.<sup>a</sup> época, graças à reação advinda, não fui, todavia, feliz em Alemão, porquanto o catedrático Prof. Guilherme Butler, mais tarde meu amigo e colega, exigia que a prova escrita fosse em caracteres góticos, a mim não ensinados pelo meu professor particular. No ano seguinte, substituí o Alemão pelo Inglês, tendo sido aprovado, assim como em Latim. E por falar em Latim, ao então professor do Ginásio Paranaense, Pe. Antônio Mazzarotto, bispo resignatário de Ponta Grossa, cabe especial agradecimento, aliás já exposto não só em dedicatória de minha GRAMÁTICA HISTÓRICA (1937), mas também na imprensa, em 1974, por ter sido uma das pessoas que muito contribuíram para minha forma-

ção cultural e religiosa, e especialmente por incentivar-me nos estudos lingüísticos. Ao fim da leitura de um despretensioso trabalho — DE ALGUNS VOCÁBULOS ARÁBICOS NO PORTUGUÊS — ocorrida em 1926 em um Grêmio Literário desta Capital, exclamou ele entusiasmado, em latim: "Perge! Pergel!" (Continue! Continue)!. A D. António Mazzarotto devo também a minha formação clássica, recomendando-me manusear com assiduidade os paladinos das boas letras.

Redator-chefe, de 1926 a 1927, da revista da mocidade católica desta Capital, A CRUZADA, minhas colaborações eram redigidas com ressaibo profundamente clássico, exceto os artigos de natureza gramatical.

No Ginásio Paranaense, anualmente eram-me atrativos as provas orais de Português, às quais eu não faltava pelo proveito delas decorrente, e foi daí em diante que privei da convivência do Prof. Dr. José de Sá Nunes, tornando-me amigo, e consultor nas questões de linguagem. As que eu propunha por escrito, vinham as respostas na revista carioca BRASILIANA, dirigida pelo Prof. Gen. Liberato Bitencourt.

Embora residindo na Capital, eu e o Prof. Sá Nunes carteávamo-nos constantemente, versando quase sempre assuntos filológicos, e isso continuou, mesmo quando se ausentou, até seu falecimento em 1956. Não é, pois, sem razão que, dirigindo eu a revista LETRAS, dos cursos de Letras da então Faculdade, abri-lhe as páginas para colaboração.

Como vêem, tive os meus mestres, porém mais de vernaculidade que propriamente de Lingüística, minha predileção. A eles tributo aqui homenagem de respeito, veneração e gratidão.

E para os estudos lingüísticos histórico-comparativos foram os livros que me indicaram a rota. De um reverendo pastor presbiteriano, Prof. Jorge Bertoloso Stella, chegou-me, em 1927, a dádiva de uma obra que resumia as investigações monogenéticas de Alfredo Trombetti — **Monogenismo Lingüístico — Traços de Glotologia Geral Comparada** — apreciada por mim na **Gazeta do Povo**, desta Capital, com o título **Sobre a Unidade das Línguas**.

Em 1928 eu compulsava com sofreguidão o **Manual da Ciência da linguagem de Giacomo de Gregório**, tradução, e **Le Langage** de J. Vendryès. E dois anos após, em 1930, eu estava perlustrando com singular proveito a voluminosa obra de Trombetti **Elementi Di Glottologia**.

**logia.** Desde então até hoje não deixei de manusear obras símiles, fazendo ainda empenho de conhecer os novos caminhos da chamada **Lingüística Moderna**, a começar do *Cours de Linguistique Générale* de Saussure, que vim a conhecer em 1937.

No ano de 35 eu concluía nesta cidade o curso de Direito na então única Faculdade. Claro que o meu rumo não era esse, pois os estudos jurídicos nunca me atraíram para profissionalizar, mas não havia na Capital, nessa época, curso de Letras. E é por isso que os meus colegas de Direito se escandalizavam por me verem diversas vezes na biblioteca da Faculdade a copiar um extenso dicionário tupi-português, ao invés de perlustrar obras jurídicas. É que eu me servia em casa da biblioteca especializada de meu irmão já diplomado em Direito.

Nesse mesmo ano de 1935 eu publicava na **Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"**, desta Capital, os **Novos Rumos da Tupinologia**, em que pela primeira vez era introduzido o conceito e a designação de **Proto-Tupi**, hoje generalizada pelos pesquisadores do *Summer Institute of Linguistics*.

Quando da primeira edição de minha **Gramática Histórica Portuguesa**, em 1937, em apêndice elaborei um estudo elementar de fonética histórica tupi-portuguesa. Era a primeira vez que tal se fazia, à semelhança da fonética histórica latino-portuguesa.

Um parêntese aqui devo fazer, mas sem querer fazer propaganda. Apraz-me declarar que nessa modesta **Gramática Histórica** foi dada pela primeira vez a técnica da reconstrução lingüística, muito antes que o fizessem obras didáticas de lingüísticas europeus, e quatro anos depois de *LANGUAGE* no norte-americano Bloomfield, que vim a conhecer em 1957.

Ainda na trilha dos estudos indígenas, eu dava a lume, em 1939, na citada **Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"**, ao trabalho **O Nexo Lingüístico Bororo — Merrime — Caiapó**, com o subtítulo de **Contribuição para a Unidade Genética das Línguas Americanas**, e grande satisfação senti, 29 anos depois, quando o lingüista norte-americano Irvine Davis, em 1968, citando o meu estudo, confirmava o relacionamento no artigo **Some Macro-Jê Relationships**, inserto no *International Journal of American Linguistics*.

Em 1948 e 1949 publicava eu para o Museu Paranaense os dois primeiros tomos do **Dicionário das Trilhas e Línguas Indígenas da**

**América Meridional**, que teve repercussão favorável entre especialistas nacionais e estrangeiros. O Gen. Cândido Mariano da Silva Rondon esperava "vê-lo terminado dentro do mais curto prazo possível", e o etnólogo Prof. Dr. Herbert Baldus me entusiasmava com estas palavras: "É obra importantíssima como base de futuras pesquisas não só lingüísticas, mas também etnológicas e históricas. Pelo uso constante dos especialistas vão, pouco a pouco, surgir acréscimos e assim, como um organismo vivo, o seu trabalho se desenvolverá, ainda quando a humanidade já não se lembra mais onde foram enterrados os nossos ossos". Infelizmente, a constante falta de verbas impediu o prosseguimento.

Quando da publicação, em 1949, do **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**, uma das grandes distinções de que fui alvo, consistiu na inclusão de meu nome, juntamente com o do Prof Antenor Nascentes, do Rio, que em 1952 dava a público o seu Dicionário de Nomes, para delegados do Brasil no Comitê Internacional de Onomástica, sediado em Lovaina, na Bélgica, por indicação do Prof. Dr. Manuel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra.

\* \* \*

Em 1939, transferido do Ginásio Regente Feijó, de Ponta Grossa, para o Ginásio Paranaense, foi aberto concurso para a primeira cadeira de Português, vaga com a exoneração do Prof. Dr. José de Sá Nunes. Inscrevi-me, apresentando a tese, exigida impressa, **Pontos de Método da Fonética Histórica**, matéria que participava do programa oficial da 4.<sup>a</sup> série, isto é, Gramática Histórica.

O concurso, contra minha expectativa, não se efetuou, e teria, pois, se aprovado, o primeiro título de especialidade.

No mesmo ano, 1939, o Prof. Dr. José Loureiro de Ascensão Fernandes, a quem a nossa Universidade tanto deve, introduziu-me no quadro dos professores desta casa, os quais, por serem de primeiro provimento, foram logo depois regalados com a dispensa de concurso, e titulados catedráticos.

Eu aspirava à cadeira de Filologia Romântica por achar mais perto da Lingüística, então inexistente, mas ponderou-me o Prof. Loureiro que meu ordenado seria maior se ministrasse Língua Portuguesa, pois eram três anos dos cursos de Letras, ao passo que Filologia Romântica era apenas ministrada em um ano. Como bom turco, aceitei a oferta, porém tive de carregar o peso de turmas cada ano maiores e durante mais de 30 anos, sem ter um professor auxiliar,

apesar de reiterados pedidos. E a propósito, por ironia, chegou-me ao conhecimento que eu era o tal que açambarcou a cátedra...

\* \* \*

Já vai longa demais esta arenga em que somente falo de mim próprio. Relevem-me, apenas por hoje, a falta grave de tamanha vaidade e ostentação (eu não era assim!), e, estou certo, hão de perdoar-me, porque se tem aqui a prova evidente, clara, de que aos velhos apraz rememorar as suas coisas e fatos do passado, do pretérito perfeito.

Dou graças a Deus pela dádiva dos 70 anos e pelos talentos, os quais eu não enterrei, senão que, na medida de minhas possibilidades, fi-los multiplicar com a graça de Deus.

Comovidíssimo, meu profundo agradecer leal e sincero ao Exmo. Sr. Prof. Osvaldo Arns, DD. Magnífico Reitor da Universidade Católica do Paraná, titular nesta casa de Língua e Literatura Grega, meu distinto ex-aluno, pelas palavras de saudação, em nome do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, em especial pelo Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas.

Ao Exmo. Sr. Prof. Ocyron Cunha, DD. Magnífico Reitor da nossa Universidade, e à Exma. Sra. Profa. Cecília Maria Westphalen, DD. Diretora do Setor, o meu cordial muito obrigado, e o faço também a todos os Colegas e demais presentes.